

Sobre operadores de reformulação

Fernanda Miranda Menéndez

FCSH – UNL

Abrangendo uma vasta gama de processos linguístico-discursivos, a reformulação é um dos aspectos do «pôr em discurso» menos estudados em Português. E no entanto, que de reformulações se podem encontrar na leitura, por exemplo, de um único jornal.

O ponto de partida para esta reflexão é uma pergunta colocada por GAULMYN: «Reformulerait-on si c'était pour dire la même chose?» (s.d. :95). De facto, ao analisarmos o constante movimento de retoma de enunciados previamente produzidos que constitui a actividade comunicativa, verificamos que o dizer de outra maneira não é fruto do acaso, antes é, sempre, fruto de circunstâncias que têm por base a avaliação que o enunciador responsável por um acto enunciativo faz de um enunciado outro (o qual pode, inclusive, ser igualmente da sua responsabilidade).

No texto escrito, em particular no texto jornalístico, essa avaliação tem, pelo menos, duas vertentes: a que se exerce sobre o enunciado que se tem por base; e a que se supõe por parte do receptor. Deste modo, «l'étude des reformulations textuelles fournit ainsi au linguiste un ancrage lui permettant de cerner certains liens entre des choix énonciatifs et des effets interprétatifs.»(CARREIRA 1999 :245)

É ainda GAULMYN (sd.:167) quem realça três vertentes possíveis da reformulação:

- uma técnica formal de conversação
- um processo de organização discursiva
- uma actividade complexa na qual cooperam os interlocutores

Constata-se que, de facto, a reformulação é uma operação de carácter multifacetado, em que se entrecruzam pontos de vista diferentes, que variam segundo a focalização se realiza por parte do enunciador, do co-enunciador, do receptor, ou se localiza nas características sócio-políticas e ideológicas do momento da enunciação ou do momento da recepção. É desta multiplicidade de pontos de partida para o estudo da reformulação que decorre a sua predisposição para ser objecto de estudo de uma perspectiva de análise do discurso.

De facto, é à AD que vamos pedir conceitos famosos como os de interdiscurso, de formação discursiva e o de polifonia, por exemplo, que de algum modo se

encontram presentes enquanto condicionantes de cada momento de enunciação, condicionantes, por isso, dos discursos que com esses momentos se produzem.

Cada vez que conversamos, ou que lemos um texto escrito, deparamo-nos com uma razoável quantidade de reformulações – de graus diferentes, de características diversas, que por vezes se cruzam nos mesmos exemplos, essencialmente repartidas por dois grandes grupos: as que se podem designar como pertencentes a uma hetero-reformulação, e as que se agrupam numa auto-reformulação.

Começemos por observar alguns exemplos de auto-reformulação, em que o enunciador retoma o imediatamente dito, para precisar especificações semânticas e variacionais. Não se verifica, no entanto, mudança do ponto de vista enunciativo ao logo do encadeamento discursivo. É o que acontece no texto «O reino da gasosa»:

«A gasosa, para nós em Angola, significa a gorjeta, mas pode também significar a cunha, o empenho, a gratificação ou a prenda. Aqui a gasosa move e faz mover tudo. E para tudo se precisa da gasosa»

CANIÇO, «No reino da gasosa» in *Correio da Manhã*, 2001-09-22

O enunciado parentético «para nós em Angola,» estabelece uma reformulação do sentido comum do termo que o autor situa à cabeça do seu artigo. Publicado num jornal de grande difusão em Portugal, normal será que «gasosa» comece por evocar os valores aqui correntes: «Espécie de limonada em que se misturou gás carbónico II Gír. Bofetada, estalada II Grande velocidade II Gír. Autom. Gasolina. (MACHADO 1990, tomoV:383). Pode colocar-se a hipótese de que se está aqui perante um sinónimo. Mas sendo «a sinonímia uma relação de equivalência semântica» (definida da seguinte forma: se A implica B, B implica A) (OLIVEIRA 1996:341) que se pode equacionar recorrendo à noção de paráfrase (ibidem) analise-se:

1. Ele meteu uma cunha para o emprego.
- 1' Ele meteu uma cerveja para o emprego.

Ou então:

2. Ele deu uma cerveja ao rapaz.
- 2' Ele deu uma gorjeta ao rapaz.

Aparentemente, não há relação entre os sentidos de «cunha» e de «cerveja», ou entre «cerveja» e «gorjeta». Por isso, e para que o receptor comum do jornal que veicula o texto possa chegar ao sentido da palavra «cerveja», o enunciador necessita efectivamente de recorrer a uma reformulação do seu significado, uma vez que

está a utilizar um empréstimo de uma palavra estranha, no caso concreto de uma variedade nacional do português, a variedade angolana.

Les formes disant l'emprunt d'un mot étranger [notamment des langues "régionales"] apparaissent-elles explicitement ou interprétativement, et sans que ces catégories soient discrètes, comme relevant a) d'une motivation individuelle de l'énonciateur, b) d'une configuration discursive à très forte régularité (AUTHIER-REVUZ 1995 : 405)

É desta dupla inscrição – a da motivação individual do enunciador, e a da configuração discursiva estável numa comunidade discursiva regular –, que deriva a necessidade de, logo no início, o enunciador situar o espaço geográfico de circulação da palavra em Angola, dando assim a chave para a descodificação da reformulação de sentidos que deve ser operada ao longo da leitura do texto. No entanto, essa explicação não lhe parece suficiente, sentindo necessidade de alargar o leque de aplicações, o que faz através de um esquema argumentativo, secundado pela retoma anafórica, sob a forma de quiasmo, de «gasosa – tudo / tudo – gasosa».

Verifica-se aqui a razão de ser da opinião de MONÇÃO 2000:184 quando refere «o facto de a relação do parentesco semântico entre formulações não existirem enunciados mas ser criada pelo discurso e pelos enunciadores que a estabelecem numa determinada situação (e ser reconhecida / interpretada como tal (ou não) pelos co-enunciadores)».

O texto «O reino da gasosa» termina com a seguinte sequência, que testemunha a importância da ironia como operador de reformulação.

«É claro que não estamos a falar de «justiça social». Ganha (isto é, rouba) quem tiver mais lata e for mais esperto! É assim, no reino da gasosa ...»

O acumular de pontemas aparece neste excerto como operador de reformulação baseado na ironia. As aspas que marcam a expressão «justiça social» indicam o valor irónico que deve ser tido em consideração no processo de interpretação. A sequência «ganha (isto é, rouba) » insere o enunciado parentético efectivamente entre parêntesis para reforçar a especificação semântica que é necessário fazer sobre a unidade inicial da sequência. Quanto ao uso dos pontos de suspensão no fim do texto, eles deixam caminho aberto para a leitura irónica que tem necessariamente que ser feita sobre o enunciado à sua esquerda. Por outro lado, a sua presença após a expressão «reino da gasosa», indica que a ironia subjacente deve funcionar como operador de reformulação para todo o texto situado à sua esquerda, realizando assim uma «boucle» entre o título e o final.

No segundo grupo, o da hetero-reformulação, há mudança da perspectiva enunciativa, segundo os diferentes papéis de relator ou de comentador em que se posiciona o enunciador responsável. É o que se passa numa reportagem sobre uma visita de crianças com NEE à Quinta Pedagógica dos Olivais, para verem uma exposição sobre o ciclo da lã:

Maria Augusta, 59 anos, é do tempo em que se fiava a lã junto da braseira depois da ceia e se faziam meias com cinco agulhas (...)

Por saber o que sabe é fácil perceber que Maria Augusta não nasceu em Lisboa. É do Norte, de «Resende», precisou enquanto separava com os dedos o miolo da lã, resultante da tosquia das ovelhas da quinta, -- “a isto chama-se carpear”. Depois pegou no fuso e começou a torcê-la -- “e a isto fiar”.

CM, 21.03.2001

Trata-se de um complexo jogo de reformulações em que o jornalista ora transmite o que vê, ora o que interpreta, ora ainda o que ouve, construindo um encadeamento discursivo em que se distinguem várias vozes, num jogo polifónico que lembra uma história «tradicional». E porquê? Porque o esquema narrativo da tradição é evocado pela expressão < X é do tempo em que ...>, designação que remete para um passado sem localização definida, mas marcada como «antiga», que constrói um espaço discursivo de validação para as opções reformulatórias do enunciador «en charge».

Com «por saber o que sabe» executa o enunciador responsável um resumo sobre aquilo que é o conteúdo do seu conhecimento – o que ouve, o que vê, o que presume. O resumo é uma forma da realização da reformulação que parte sempre de apostas que se apoiam na situação de discurso, já que procede a supressões cuja escolha não é inocente

«Résumer, même après lecture attentive et compétente, c’est encore choisir et aucun choix n’est neutre. Selon qui l’on est, selon à qui l’on s’adresse, on relève certains faits et on en passe d’autres sous silence : ceux qui paraissent mineurs au résumeur ou qui peuvent déplaire au lecteur présumé.» (J-B GRIZE 1992 :5)

Mais do que desagradar ao possível leitor, ou do que deixar para trás aspectos menores, como refere Grize, parece-me que, frequentemente, o que se encontra no resumo é a construção de um determinado leitor, e o esquecimento voluntário de pormenores que poderiam eventualmente ser preponderantes para uma interpretação diferente da que o enunciador pretende.

Repare-se que a reformulação construída neste excerto labora através do comprometimento de diferentes níveis discursivos. Por exemplo, a descrição do termo da linguagem técnica é feita por meio da descrição do próprio acto realizado pela senhora Maria Augusta, que discursivamente anuncia o metatermo que ela vai utilizar.

Carpear – separar com os dedos o miolo da lã
 Fiar – torcer a lã enrolada num fuso

Esta precisão decorre da preocupação em explicar a um público ausente – maioritariamente cidadão – aspectos que ele julga interessantes, mostrando com essa necessidade de explicação os seus próprios preconstruídos. O jornalista constrói uma imagem do público leitor do jornal como ignorante dos trabalhos tradicionais que ele considera caídos em desuso e próprios do campo e do Norte.

Conclui-se, deste processo, que a reformulação é frequentemente uma operação de interpretação por parte do próprio enunciador responsável, baseando-se não apenas no «já-dito», mas jogando com conceitos presentes no interdiscurso e na memória discursiva. Só assim se compreende que se remeta apenas para o Norte a localização da memória dos trabalhos antigamente reservados às mulheres.

Analisemos agora um outro tipo de reformulação

31 de Agosto – **Proustiana**. O caso está, prematuramente, fechado. O fim é apenas provisório. Falo da(s) história(s) do casamento do ex-ministro, dos títulos garrafais dos jornais a propósito da sua ex-Secretária de Estado, de outras histórias e outros comparsas afins. Tudo ligado.

Estou a seguir os acontecimentos, os **fait-divers**, as coscuvilhices de salão de cabeleireiro, os mexericos a preto e branco e a cores, com toda a seriedade do anatomista, com atenção que pareceu exagerada a uma amiga minha, segundo ela, inabitual e imprópria para o meu «estatuto». Engano: eu, pelo contrário, vi, em toda a **embrulhada** (a palavra imbróglia tem a mesma origem?) uma primorosa matéria literária, uma escrita romanesca “avant la lettre”, uma rede discursiva do dito e do não-dito, etc. Etc.

O caso, pois, não-fechado, super-frívolo, meta-diagético, de ficcionalidade indirecta, emergente do pântano cor-de-rosa, teve já o seu escritor genial, o Mestre. Marcel Proust **lui-même** trabalhava com a mesma matéria.

Jorge LISTOPAD, «Debate-Papo» in Jornal de Letras,
 5 de Setembro de 2001, p.40

O enunciador responsável por este texto utiliza uma sequência de reformulações que alargam o leque da sua crítica, numa gradação do neutro «acontecimentos», ao fortemente marcado «mexericos», mas acrescenta-lhe um outro dado – ao declarar que segue tudo «com toda a seriedade do anatomista», obriga a uma reanálise do excerto anterior, aumentando, através da ironia, todo o peso da crítica.

Outro indicador do índice reformulatório aqui utilizado é a elevada utilização dos pontemas: as aspas, as vírgulas, o boldt, juntam-se aos operadores verbais, alertando para as leituras diversas pretendidas pelo autor.

Analise-se por exemplo

«**embrulhada** (a palavra imbróglío tem a mesma origem?)».

Aparentemente, trata-se de uma pergunta, ou seja, um pedido de informação que utiliza um enunciado interrogativo indirecto. No entanto, a sua colocação entre parêntesis serve de reformulação sobre esse seu carácter inicial. Sendo que ambas têm os mesmos significados, podendo ser consideradas quase-sinónimos, «embrulhada» e «imbróglío» não têm, efectivamente, a mesma “origem”. Numa breve consulta a um dicionário encontra-se o seguinte:

«Embrulhada, s.f. Trapalhada; confusão. II Intriga; logro; aldrabice. II Desordem de palavras. » MACHADO 1990, IV : 360

«Imbróglío, s.m. (do it. Imbroglío). Fam. Embrulhada, confusão, trapalhada.» idem, VI : 82

Embora compartilhem valores comuns ao nível do registo lexicográfico, «imbróglío» aparece não só como um grau mais elevado de crítica, mas também como um elemento de abertura a novas inferências. Repare-se que a unidade léxica inicialmente escolhida, ao ser marcada pelo negrito, potencia a crítica com que, através dela, é resumida (logo reformulada, como antes referi) a longa sequência de acontecimentos, assim criticada de forma mais intensa. Por outro lado, a especificação do seu valor semântico através de um italianismo (etimologia especificamente evocada pelo enunciado interrogativo) reforça a incidência do grau de crítica, disponíveis que podem ficar assim valores mais radicais, como os da evocação das famílias italianas. Por seu turno, o facto de se fazer a especificação semântica de forma interrogativa equivale a dar, através da ironia que dela se desprende, exactamente a resposta subjacente – No caso português, sim!, embrulhada e imbróglío têm a mesma origem social – o «pântano cor de rosa».

Temos assim, num curto excerto, o acumular de elementos que se podem considerar como «operadores de reformulação», já que pela sua presença alertam para outras leituras que não as imediatas. Dependendo tudo isto, claro, do posicionamento sócio-discursivo do receptor, que tem ou não a capacidade de descodificar as pistas deixadas pelo enunciador.

Para terminar a série de exemplos analisados, escolhi um texto pouco ortodoxo intitulado «O bidé, esse desconhecido». O título evoca imediatamente o universo em que vai situar o desenrolar discursivo, ao mesmo tempo que dá o mote sobre o tom que vai predominar na sua elaboração – a ironia é o leit-motiv desta apresentação de um guia de viagem. Enquanto «compte-rendu» de uma obra publicada, todo o texto é uma reformulação. Ela pode, no entanto, por comodidade, ser analisada apenas nas seguintes sequências:

1. «First –Time Europe (qualquer coisa como Na Europa Pela Primeira Vez)»
2. «240 páginas para preparar o norte-americano incauto para o choque cultural com o Velho Continente»
3. «uma estranha «coisa oval de porcelana com um aspecto engraçado»:o bidé»

Na primeira sequência, a tradução é encarada como uma reformulação, mas mostra-se, de facto, a dificuldade de uma tradução literal (isto é, de uma reformulação “fiel”) com a restrição implícita em «qualquer coisa como...», que desvaloriza ironicamente o título da obra.

Mas há mais. Na segunda sequência, é realizado uma primeira apresentação do conteúdo da obra pelo resumo não apenas selectivo, mas também argumentativamente orientado para a releitura irónica, pelo adjetivo «incauto».

Finalmente, das 240 páginas, o enunciador «en charge» destaca apenas uma «das passagens mais hilariantes», em que é descrito um referente «estranho» e «engraçado», que neste resumo é prosaicamente reformulado pelo termo que lhe corresponde em português «:o bidé».

Para concluir, retome-se a ideia de que a reformulação resulta de um mecanismo duplo que é ao mesmo tempo de avaliação e de interpretação do «já dito». Desse mecanismo resultam «reformulações», «expressões semanticamente próximas mas que podem ser consideradas quase sinónimos referenciais» (MOIRAND 1995:2). Para a sua realização, existe um conjunto de elementos linguístico-discursivos que têm a capacidade de produzir com a sua presença um enunciado reformulatório. Esse conjunto, que designo como «operadores de reformulação», não tem necessariamente existência verbal, podendo funcionar como organizadores da progressão do fio do discurso e estruturantes textuais através da prosódia, da ironia, das inferências ou da pontuação.

Evocando o ciclo da lã do segundo excerto citado, torço mais dois fios do conjunto de operadores de reformulação – a citação, a forma primeira de reformular; e a tradução, a forma assumidamente «traidora» deste mesmo mecanismo – ao citar e traduzir o seguinte excerto:

Cada discurso não é nunca o primeiro. Não dizemos uma palavra que não esteja inscrita num novelo de outras palavras, e cada enunciador só é original enquanto originador da sua própria mensagem por entre a multidão de enunciadores que fizeram, e que fazem, o universo da comunicação. A actividade, talvez essencial, do «produtor de palavras», prende-se com a sua habilidade em colocar devidamente no enunciado que ele propõe, os discursos já existentes de outros enunciadores.

PEYTARD, J. 1995:69

Fica, assim, em aberto a hipótese de que também o discurso académico resulta da reformulação de muitos outros «já ditos».

Bibliografia

- AUTHIER, 1994. Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris : Larousse
- CARREIRA, M.H.A. 1999. Faits et effets linguistiques dans la presse actuelle. Série «Travaux et Documents». Paris : Université Paris VIII
- Études de Linguistique Appliquée (1988), n° 68 «La reformulation», Paris : Didier
- FUCHS, C. 1994. Paraphrase et énonciation. Paris : Ophrys
- GAULMAYN M-M. 1987. «Actes de reformulation et processus de reformulation » in BANGE, P. (ed.) L'analyse des interactions verbales ; La Dame de Caluire : une consultation. Berne : P. Lang, pp. 83-98
- GRIZE J-B 1992. «Résumer, mais pour qui?» in CHAROLLES & PETITJEAN (eds.) Le résumé de texte. Paris : Klincksieck, pp. 3-10
- Langages. 1992, n° 106. «La génération de texte». Paris : Larousse
- Langue Française. N° 73. «La reformulation de sens dans le discours». Paris: Larousse
- MACHADO, J.P. 1990. Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa; Alfragide: Ediclube
- MOIRAND, S et al. 1995. Parcours linguistiques de discours spécialisés. Berne : P. Lang
- MONÇÃO, A.M. 2001. «Abordage(ns) linguística(s) da paráfrase: paráfrase e reformulação», cp. 2.3.3 in Índices Linguísticos de Mudança Terapêutica. Tese de Doutorado em Psicolinguística apresentada à FCSH-UNL (pol.)
- OLIVEIRA, F. 1996 «Semântica» in FARIA, I.H. et al. 1996. Introdução à linguística geral e portuguesa. Lisboa: Caminho, pp.333-379
- PEYTARD, J. 1995 »De l'altération et de l'évaluation des discours» in MOIRAND, S . 1995. Parcours Linguistiques de Discours Spécialisés. Berne : P. Lang, pp.69-80

Anexos

Texto A

O REINO DA GASOSA

1. A gasosa, para nós em Angola, significa a gorjeta, mas pode também significar a cunha, o empenho, a gratificação ou a prenda. Aqui, a gasosa move e faz mover tudo. E para tudo se precisa da gasosa: para introduzir um assunto, para conseguir um favor, para proceder a uma acção, para avançar com os trabalhos, para "agilizar" um deferimento (palavra própria para dizer "andar mais rápido") ou para, finalmente, se conseguir o pretendido. A gasosa pode-se expressar em kwanzas, a nível mais popular, mas o mais eficaz é mesmo em dólares, sobretudo se houver brancos ou estrangeiros com interesses no assunto... (...)
2. É claro que não estamos a falar em "justiça social". Ganha (isto é, rouba) quem tiver mais lata e for mais "esperto"! É assim, no reino da gasosa ...

In CANIÇO, João, *Correio da Manhã*, 22.9.01

Texto B

CRIANÇAS APRENDEM SEGREDOS DA LÃ

3. Maria Augusta, 59 anos, é do tempo em que se fiava a lã junto da braseira depois da ceia e se faziam meias com cinco agulhas, a começar pelo cós e terminando numa linha puxada no bico do pé. Estava, por isso, habilitada a pegar no fuso e a mostrar como das bolinhas de pêlo se faz fio às crianças e aos jovens do ensino especial que ontem 'inauguraram' a exposição sobre "O Fabrico Tradicional da Lã", na Quinta Pedagógica dos Olivais.
4. Por saber o que sabe é fácil perceber que Maria Augusta não nasceu em Lisboa. É do Norte, "de Resende", precisou enquanto separava com os dedos o miolo da lã, resultante da tosquia das ovelhas da quinta, -- "a isto chama-se carpear". Depois pegou no fuso e começou a torcê-la -- "e a isto fiar". (...)

In *Correio da Manhã*, 21.03.01, p.13

Texto C

31 de Agosto – **Proustiana**. O caso está, prematuramente, fechado. O fim é apenas provisório. Falo da(s) história(s) do casamento do ex-ministro, dos títulos garrafais dos jornais a propósito da sua ex-Secretária de Estado, de outras histórias e outros comparsas afins. Tudo ligado.

5. Estou a seguir os acontecimentos, os **fait-divers**, as coscuvilhices de salão de cabeleireiro, os mexericos a preto e branco e a cores, com toda a seriedade do anatomista, com atenção que pareceu exagerada a uma amiga minha, segundo ela, inabitual e imprópria para o meu «estatuto».
6. Engano: eu, pelo contrário, vi, em toda a **embrulhada** (a palavra imbróglio tem a mesma origem?) uma primorosa matéria literária, uma escrita romanesca “avant la lettre”, uma rede discursiva do dito e do não-dito, etc. Etc.

O caso, pois, não-fechado, super-frívolo, meta-diagético, de ficcionalidade indirecta, emergente do pântano cor-de-rosa, teve já o seu escritor genial, o Mestre. Marcel Proust **lui-même** trabalhava com a mesma matéria.

In LISTOPAD, Jorge, «Debate-papo» *Jornal de Letras*, 5.09.01

Texto D

O bidé, esse desconhecido

7. A conhecida colecção de guias de viagem *Rough Guide* tem um volume chamado *First-Time europe* (qualquer coisa como Na Europa Pela primeira Vez)
8. – 240 páginas para preparar o norte-americano incauto para o choque cultural com o Velho Continente.
9. Uma das passagens mais hilariantes chama a atenção para a existência, em muitas *Eurotoilets*, de uma estranha «coisa oval de porcelana com um aspecto engraçado: o bidé. (...)

In *Visão* nº 1438, 2-8 Agosto de 2001, p. 113